DOI: https://doi.org/10.22456/1982-8136.145879

DA PROTEÇÃO AO "BOTA PALHA": RITUAIS DO MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA[1]

Amanda Moura Souto[2]

Resumo: Sob perspectivas da antropologia dos rituais e das materialidades, analiso dois rituais do terno Moçambique Camisa Rosa de Ituiutaba/MG na Festa de São Benedito. Durante a "alvorada", o grupo realiza rituais de proteção e "bota palha". Esses rituais são característicos do próprio terno, o que evidencia a imensa variedade de práticas e saberes presentes nas Congadas, Congados e/ou Reinados. Neste ensaio visual, as imagens, ora no interior do quartel, ora na rua, apresentam a sequência de ações que visam garantir a proteção do grupo, bem como o reconhecimento da importância do capitão e de cada participante para a realização da festividade.

Palavras-Chave: Rituais; Materialidades; Congada; Festa.

FROM PROTECTION TO "BOTA PALHA": RITUALS OF THE MOÇAMBIQUE CAMISA ROSA

Abstract: From the perspectives of the anthropology of rituals and materialities, I analyze two rituals of the Moçambique Camisa Rosa group from Ituiutaba/MG during the São Benedito Festival. During the "alvorada" (dawn), the group performs protection rituals and "bota palha" (puts down straw). These rituals are characteristic of the group itself, which highlights the immense variety of practices and knowledge present in the Congadas, Congados, and/or Reinados. In this visual essay, the images, sometimes inside the barracks, sometimes on the

[1] Como citar: SOUTO, Amanda M. Da proteção ao "bota palha": rituais do Moçambique Camisa Rosa. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 24, n. 45, e145879, 2025.

[2] Mestre e doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Brasil. É integrante do Laboratório de Antropologia do Lúdico e do Sagrado (Ludens), coordenado por Renata de Castro Menezes. E-mail: amandasouto25@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5738-1399.

street, present the sequence of actions that aim to guarantee the protection of the group, as well as the recognition of the importance of the captain and each participant for the realization of the festivity.

Keywords: Rituals; Materialities; Congada; Festival.

APRESENTAÇÃO

Próximo das 5h da manhã, me aproximava do quartel[3] do Moçambique Camisa Rosa. Acompanharia os rituais de "saída" do terno[4] para a Festa de São Benedito na cidade de Ituiutaba/MG, realizada desde a década de 1950[5]. O sol nem havia raiado, mas já se escutavam os fogos de artifício nos arredores e se via os clarões no céu. Os grupos de Congada anunciavam o início da festividade, marcada pela "alvorada". Era o momento de "levar o terno para a rua" após toda a dedicação e esforço dos/as congadeiros/as ao longo do ano. Além da queima de fogos, outras ações rituais são realizadas na "alvorada" para trazer proteção aos/as participantes, bem como para garantir que se "tenha uma boa festa".

[3] O quartel é o espaço em que os grupos de Congada guardam seus instrumentos e outros objetos, bem como realizam reuniões internas e ensaios. Normalmente, o quartel é localizado na casa do/a congadeiro/a idealizador/a do grupo.

[4] O termo "terno" é utilizado para designar a organização de cada grupo de Congada, servindo para classificar, de modo genérico, os diferentes segmentos rituais: Moçambique, Congos, Catopês, Caboclinhos e Marujos. Cada um deles possui características específicas em relação à vestimenta, aos objetos, à musicalidade e às performances (Silva, 2010).

[5] Desde o final do século XIX até meados de 1930, havia festas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário e São Benedito em Ituiutaba. Elas foram suspensas pela Igreja Católica em 1937. Foram retomadas publicamente apenas em 1951, com a criação do Moçambique Camisa Rosa. Mesmo havendo festejos, a cidade não possuía grupos de Congada, recebia visitantes de outras localidades. Atualmente, há em Ituiutaba 10 ternos de Congada vinculados à Irmandade de São Benedito, criada em 1957 e responsável pela organização da festividade.

O festejo realizado na cidade está ligado ao contexto mais geral das manifestações religiosas nomeadas como Congada, Congado e/ou Reinado[6]. Presentes no Brasil desde o período colonial, com maior profusão no estado de Minas Gerais, e ligadas às tradições afrobrasileiras, referem-se às práticas festivas e devocionais dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia (Silva, 2010; Silva, 2016; Corrêa, 2018). As festividades são compostas de danças, cantos e instrumentos musicais, além de ocorrer coroações de reis e rainhas para afirmar "africanamente" o compromisso devocional dos/as congadeiros/as.

No campo teórico, as Congadas, Congados e/ou Reinados são abordados desde os primeiros estudos sobre manifestações culturais e religiosas das populações africanas no Brasil. Foram debatidos pelos folcloristas e seguem relevantes na atualidade devido à pluralidade de temas que engendram: pagamento de promessa, utilização de objetos rituais, política patrimonial, práticas afro diaspóricas, entre outros (Morais, 2019; Silva, 2016). Em 2008, foi aberto o processo de patrimonialização das práticas congadeiras pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Neste ensaio visual, apresento rituais realizados pelo Moçambique Camisa Rosa na "alvorada", momento que inicia o dia festivo. Este grupo é o mais antigo da cidade, fundado em 1951 por Seu Cízico, que o deu de presente para sua esposa, Dona Geralda[7]. Desde então, filhos/as, netos/as e bisnetos/as são responsáveis por dar continuidade aos ensinamentos e às práticas repassadas por seus antepassados. Em sua maioria, são os familiares

[6] Na região do Triângulo Mineiro, o termo Reinado corresponde às pessoas coroadas como Reis e Rainhas. Em outros locais, é utilizado para designar a própria manifestação religiosa e festiva.

[7] Seu Cízico, como congadeiro, era convidado para capitanear ternos de Moçambique em outras localidades, já que em Ituiutaba não havia grupos. Diante de sua "paixão" pela Congada, ele, apoiado por seus familiares, criou um grupo e o deu de presente para sua esposa, que o acompanhava nas andanças. Segundo Francis Luce, coordenador do terno e neto dos fundadores, Dona Geralda recebeu o presente com "grande emoção", pois sabia da importância das práticas congadeiras para seu marido.

que assumem as principais funções de comando dentro do grupo, como matriarcas, capitães e madrinhas[8]. Já as funções de bandeireira, caixeiro e gungueiro são exercidas para além da relação de consanguinidade[9]. Nos dias atuais, forma-se um terno com mais de duzentos integrantes.

Em 2022 e 2023, fotografei a "alvorada" do grupo, mas já estabelecia relações com diversas pessoas do terno desde 2020, como parte da pesquisa realizada no mestrado[10]. Após as incertezas provocadas pelo longo período de isolamento social, grande parte dos festejos religiosos foram retomados em seu formato presencial no ano de 2022, o que ocorreu com a Festa de São Benedito em Ituiutaba/MG. Ela retornou em sua totalidade ritual, e assim realizou-se: "alvorada", missa, apresentações dos grupos, almoços nos quartéis, busca do Reinado e procissão.

Durante a "alvorada" do terno faz-se rituais de proteção e o "bota-palha". O primeiro momento consiste na realização de orações e bênçãos

[8] Este grupo possui mais de uma matriarca. Elas "herdaram" o terno de seus pais. São consultadas e responsáveis pelas decisões finais. Há também vários capitães. Eles comandam e orientam o terno, principalmente, nos momentos de cortejos e apresentações. O 1° capitão está no topo da hierarquia, no entanto, os demais capitães atuam de acordo com suas habilidades de canto e musicalidade. As madrinhas da bandeira coordenam as vestimentas e cuidam de alguns objetos, como os estandartes e as bandeiras.

[9] As bandeireiras são meninas que dançam ao redor do estandarte, normalmente, jovens. Os caixeiros tocam os instrumentos, podendo ser homens jovens ou adultos. O nome dessa função se altera de acordo com o instrumento tocado. Por exemplo, há os patangomeiros, aqueles que tocam patangomas. Além deste último ser característico de terno de Moçambique, os gugueiros, que dançam com gungas nos pés, também o são. Houve flexibilização da presença das mulheres em determinadas funções, atualmente elas tocam instrumentos e dançam com as gungas.

[10] Parte do trabalho de campo no mestrado foi realizado durante a pandemia da Covid-19. Com isso, a ênfase da pesquisa foi o mapeamento das atividades e ações realizadas pelos grupos de Congada de Ituiutaba/MG durante o período de isolamento social (Souto, 2023). Para a realização desta pesquisa, agradeço à CAPES pela bolsa; à FAPERJ pelo auxílio-pesquisa concedido para realização do trabalho de campo e ao coordenador do Moçambique Camisa Rosa, Francis Luce, pelo constante diálogo.

pelas matriarcas, a fim de proteger os/as integrantes do grupo ao longo da festividade e assegurar que a festa transcorra sem grandes contratempos. Já no segundo momento ocorre o "bota palha", que consiste na autorização dada pelo 1° capitão para que aos/as congadeiros/as “retirem” o terno do quartel. Nele, o capitão confia a cada integrante, de acordo com suas funções, as responsabilidades de fazerem uma “boa festa”[11].

A partir das teorias antropológicas sobre rituais, citando Marisa Peirano (2001), estes momentos são portas de entrada para compreender algumas dinâmicas sociais[12]. Os rituais aqui apresentados são observados em suas materialidades ao compreender que as experiências religiosas estão associadas às suas formas materiais (Menezes e Toniol, 2021). Nesse sentido, as imagens que compõem este ensaio apresentam uma sequência de ações rituais que buscam efetivar a proteção ao grupo, o bom encaminhamento da festa e o reconhecimento da importância do capitão e de cada congadeiro/a para o fazer festivo.

A PROTEÇÃO

No fundo do quartel do Moçambique Camisa Rosa, um altar foi montado por uma das matriarcas do grupo. Nele estavam vários objetos

[11] O “bota palha” é um ritual realizado apenas pelo Moçambique Camisa Rosa. Os outros ternos realizam rituais diferentes em seus quartéis durante a “alvorada”. Isso demonstra a imensa variedade das práticas congadeiras. Mesmo que exista elementos estruturais, como os santos de devoção, que fazem com que os/as congadeiros/as reconheçam determinada manifestação festiva e religiosa como Congada, Congado e/ou Reinado, há certo pragmatismo que induz à particularidade regional e até interna de cada grupo. Partindo de reflexões acerca da variação presente na estrutura das religiões de matriz africana (Goldman, 2012), compreendo que há um jogo constante entre estrutura e prática, característico das tradições afro-brasileiras. Nele, grandes premissas ou princípios não se justapõem com facilidade a contextos particulares, tornando a própria estrutura variante.

[12] O entendimento de rituais abordados aqui corresponde à ideia de que cotidiano e extra cotidiano são complementares para a produção de sentido na vida social.

considerados sagrados: a imagem de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário; coroas e chapéus usados pelo grupo, aproximadamente, na década de 90, e também alguns objetos que mostravam a participação do terno em eventos e Encontros de Congada. O altar demarcava aspectos devocionais e históricos, remetendo aos mais de 70 anos de existência do grupo.

Fotografia 1: Altar do Moçambique Camisa Rosa.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Iniciou-se o momento da bênção com algumas orações conduzidas pelas matriarcas, ora feitas individualmente, ora em conjunto. Este momento remete ao modo como o grupo cria relação com Deus e com os santos de devoção para iniciar a festa. É por meio das rezas, pedidos e agradecimentos que o vínculo é estabelecido. As orações são formas de estabelecer a confiança de que a festividade será boa para o grupo.

Fotografias 2 e 3: Oração coletiva conduzida pelas matriarcas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

As orações eram estendidas aos objetos (instrumentos e estandartes) utilizados nos cortejos realizados no dia festivo. Para benzer os objetos, com o intuito de "livrar de todo mal", as matriarcas usavam a água benta e o sal. Ao benzer, em voz baixa e concentrada, diziam: "Deus Santo, Deus forte, Deus imortal, protegei-nos e livrai-nos de todo o mal". Repetiam essa oração até benzer todos os objetos.

Fotografia 4: Matriarcas benzendo os objetos utilizados pelo terno.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Depois, benziam as pessoas, especialmente capitães e madrinhas, que se ajoelhavam em frente ao altar. As matriarcas, à medida que benziam, diziam seus nomes e rezavam. Uma aspergia a água benta nos ombros e na cabeça, enquanto a outra, ao final, fazia o sinal da cruz na testa da pessoa com o sal. Benzê-las era uma maneira de pedir proteção e que os santos guiassem para que o dia festivo ocorresse com tranquilidade.

Aquelas pessoas que não haviam sido benzidas devido ao tempo, também estavam protegidas. Quando as matriarcas benzem os objetos, as pessoas às quais eles pertencem também são protegidas. Percebe-se que para a pessoa ser abençoada não é preciso que receba a bênção individualmente, ela já é protegida apenas por utilizar um objeto benzido. Ou seja, a proteção do objeto se estende para a pessoa que o utiliza.

Fotografias 5 e 6: Capitães sendo benzidos pelas matriarcas.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Nesta parte, destaquei a relação entre as pessoas e seus objetos sagrados, como o altar e os instrumentos. A disposição dos objetos, os gestos e as palavras pronunciadas pelas matriarcas proporcionam a passagem para o estado de congadeiros/as benzidos/as, isto é, protegidos/as para estar na festividade. Sendo assim, os rituais, mediados pelas materialidades, conduzem os/as congadeiros/as para o estado de proteção.

O "BOTA PALHA"

Finalizados os rituais de proteção, o terno realiza o "bota palha". Os capitães apitavam e diziam em voz alta para os/as congadeiros/as, até então dispersos/as pelo quartel, se posicionarem corretamente. Não era mais momento para se arrumar, era hora de pegar seus instrumentos para "colocar o terno na rua". No corredor do quartel, formou-se uma grande fila com todos os/as integrantes do grupo. Um/a ao lado do outro/a, ficavam próximos/as daqueles/as que possuíam a mesma função. Mesmo juntos/as, havia

distinção entre eles/as, marcada visualmente pelo objeto que cada um/a utilizava durante o festejo.

Fotografia 7: Congadeiros/as se posicionando para o “bota palha”.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

No "bota palha", o 1° capitão permite que o grupo seja “retirado” do quartel pelos/as congadeiros/as. O ato de “retirar” acontece no momento em que cada integrante, após cumprimentar esse capitão, vai para a rua tocar e dançar com seus instrumentos, gungas e estandartes no dia da festa.

Em frente ao portão do quartel, o 1° capitão se posiciona para que cada congadeiro/a o cumprimente. Os demais capitães estendem seus bastões para cima e os/as congadeiros/as passam por baixo de forma silenciosa. Nesse momento, apenas esses capitães cantavam para “retirar” o terno. Os cantos eram direcionados para cada função: caixeiros, gungueiros, pantangomeiros e bandeireiras.

Fotografia 8: Posicionamento do 1° capitão durante o "bota palha".

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Quando os/as integrantes se aproximavam do 1° capitão, apertava-se as mãos, dava-se abraços e beijos. Antes destes cumprimentos, os/as congadeiros/as não podem tocar e/ou dançar, pois ainda não estão autorizados pelo capitão. O ato de cumprimentar é a autorização dada pelo capitão para que cada pessoa cumpra sua função na festividade. Os sorrisos e choros são característicos deste momento, indicando a emoção e a responsabilidade de iniciarem a festa.

Fotografias 9 e 10: Cumprimentos dos/as congadeiros/as ao 1° capitão, passando entre os bastões estendidos.

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

No "bota palha" há uma sequência, orientada pela função de cada um/a, para que o terno seja "retirado" do quartel: primeiro saem os caixeiros e suas caixas; depois os patangomeiros e suas patangomas, os gungueiros e suas gungas e, por último, as bandeireiras e os estandartes. Se posicionaram na rua, em frente ao quartel. Eles/as já tocavam seus instrumentos e dançavam ao redor do estandarte. Com o grupo posicionado, os capitães se aproximaram das matriarcas para serem abençoados novamente e também saudaram o Reinado. Daí, seguiram em cortejo para a igreja, pois a festa já havia começado!

Fotografias 11: Matriarcas abençoando os capitães depois do "bota palha".

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Na segunda parte, foquei na relação entre o 1° capitão e os outros membros do grupo. O "bota palha" é o momento em que ele autoriza os/as congadeiros/as a "retirarem" o terno e "colocá-lo na rua". Apesar de simbolizar certa autoridade do capitão, o reconhecimento, empregado por ele aos/

as demais integrantes do grupo, aponta para a importância de cada um/a na festa, além de demonstrar a relevância do uso dos objetos sagrados no momento apropriado, fundamental para a produção da efervescência festiva.

REFERÊNCIAS

CORRÊA, Joana Ramalho Ortigão. *"No rosário tem cuenda": Vida e morte nos reinados em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

GOLDMAN, Marcio. O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 18, v. 2, 2012.

MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo (org.). *Religião e materialidades: novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2021

MORAIS, Mariana Ramos de. Festas do Rosário como Patrimônio: entre o vivido e a prática estatal. *Caderno CRH*, Salvador, v. 32, n. 86, 2019.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica; A análise antropológica dos rituais. In: *O dito e o feito. Ensaios de Antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

SILVA, Daniel Albergaria. *Festas de guardas, ternos e nações: A coroação de Reis Negros e Devoção à Nossa Senhora do Rosário*. 2016. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016.

SILVA, Rubens Alves da. *Negros católicos ou Catolicismo Negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado mineiro*. Belo Horizonte: Nadyala, 2010.

SOUTO, Amanda Moura. *Entre cuidado, tristeza e criatividade: as experiências de congadeiros/as durante a pandemia da covid-19 em Ituiutaba/MG*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Recebido em: 18/02/2025

Aprovado em: 11/03/2025